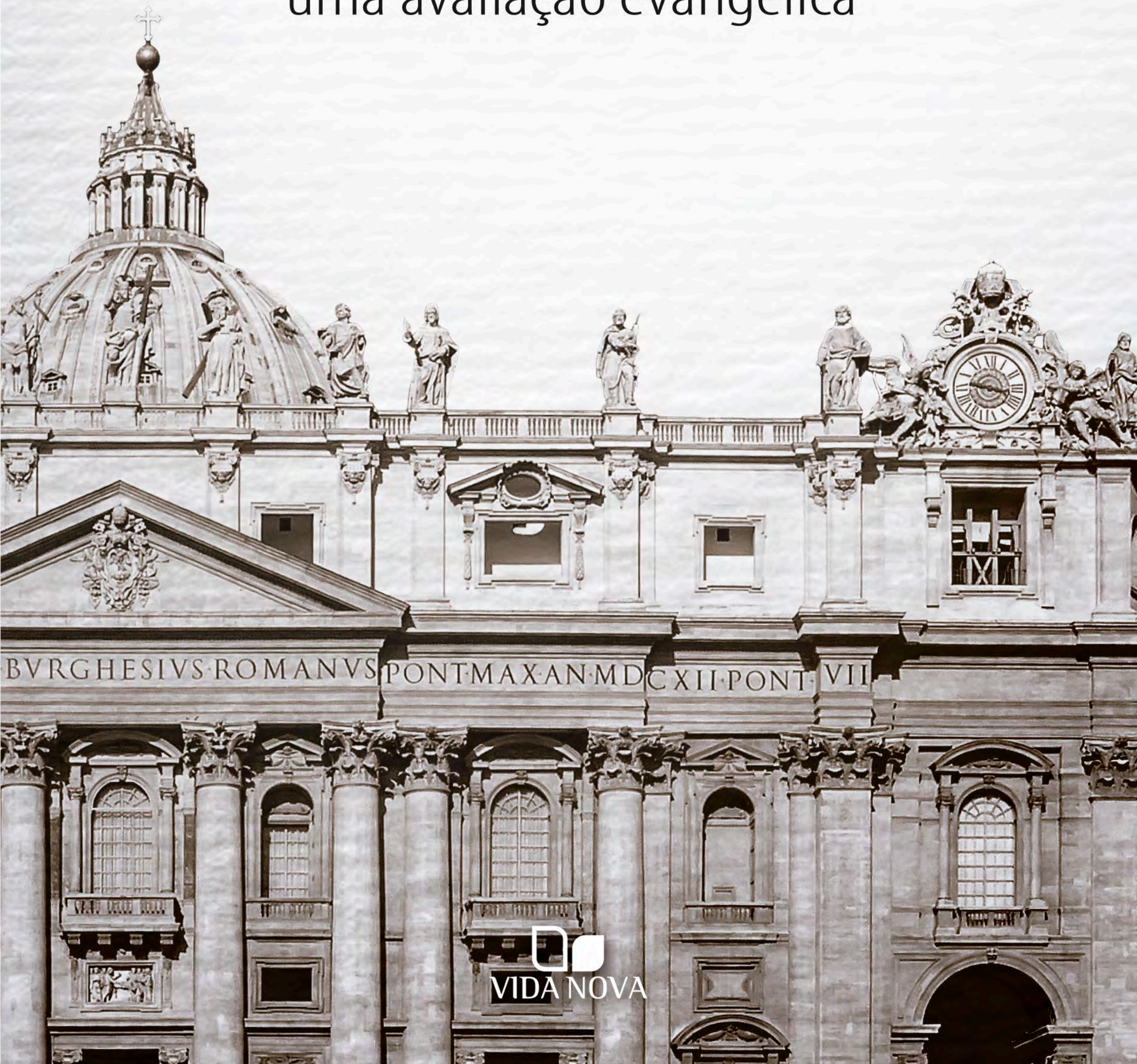


Gregg R. Allison

Teologia e prática da
IGREJA CATÓLICA ROMANA
uma avaliação evangélica



Com profundidade e clareza características, Gregg Allison conduz o leitor à intersecção entre catolicismo e protestantismo e analisa o que há de comum e de diferente entre os dois sistemas teológicos. Além de proporcionar um *insight* indispensável ao tema, esse livro é exemplo do tipo de abordagem cordial e sensata extremamente necessária ao diálogo hoje.

Chris Castaldo, diretor do Ministry of Gospel Renewal, da Wheaton College, e autor de *Talking with Catholics about the gospel*

Protestantes e católicos precisam inventar um novo tipo de relacionamento. O fogo e a espada da era da Reforma não foram dignos de Cristo, assim como os esforços precipitados de líderes irresponsáveis no século passado de negar que jamais houve, de fato, discordância entre nós. Será possível pregarmos diferentes perspectivas do evangelho e ainda amarmos uns aos outros? Se assim for, como entender essa relação no plano espiritual e eclesiástico? Com esmero sistemático digno de um Tomás de Aquino, Gregg Allison expõe as dificuldades teológicas em jogo. O autor nos apresenta um panorama completo das questões que nos desafiam, e seu compromisso de amar de forma irrestrita os católicos enquanto lhes diz a verdade nos mostra como lidar com os conflitos de maneira digna de Cristo. O leitor só terá a ganhar com o estudo diligente apresentado nesse livro.

Greg Forster, diretor do programa Kern Family Foundation e autor de *Joy for the world*

Uma avaliação evangélica muito útil do catolicismo romano. Ao contrário de tantos outros livros sobre o assunto, a obra não se detém simplesmente nos pontos em que há diferenças, estendendo-se por toda a vastidão do ensino católico romano.

Anthony S. Lane, professor de Teologia Histórica da London School of Theology e autor de *Exploring Christian doctrine*

SUMÁRIO

Prefácio: Intersecção e crítica.....	15
Reduções gráficas.....	19
Introdução	21
1 Escritura, teologia evangélica e teologia católica	29
A Escritura e sua interpretação	
Uma visão evangélica da vida com Deus e o desabrochar humano	
A teologia católica como um sistema coerente e abrangente	
<i>A interdependência natureza-graça</i>	
<i>Avaliação evangélica</i>	
<i>A interconexão Cristo-Igreja</i>	
<i>Avaliação evangélica</i>	
Conclusão	

I

A teologia católica de acordo com o
Catecismo da Igreja Católica

PRIMEIRA PARTE:
A PROFISSÃO DA FÉ

2 A profissão da fé (primeira parte, seção 1, capítulos 1—3)	69
A capacidade humana de acesso a Deus; a doutrina da revelação; a doutrina da fé	
Introdução: natureza e forma do <i>Catechism</i>	
A capacidade humana de acesso a Deus (seção 1, capítulo 1)	
<i>Avaliação evangélica</i>	

A doutrina da revelação: Deus vem ao encontro do ser humano (seção 1, capítulo 2)

A revelação de Deus (artigo 1)

A transmissão da revelação divina (artigo 2)

A Sagrada Escritura (artigo 3)

Avaliação evangélica

Revelação divina

A transmissão da revelação divina/Sola Scriptura

A Escritura e sua interpretação

O cânon da Escritura

A interpretação oficial da Escritura

A doutrina da fé: a resposta humana a Deus (seção 1, capítulo 3)

Avaliação evangélica

3 A profissão da fé (primeira parte, seção 2, capítulo 1, artigo 1 — capítulo 3, artigo 8) 116

As doutrinas de Deus, dos anjos, da humanidade e do pecado;
as doutrinas da Pessoa de Jesus Cristo; a encarnação e a imaculada concepção de Maria; a doutrina da obra de Jesus Cristo; as doutrinas da ressurreição, da ascensão e da segunda vinda de Cristo;
a doutrina do Espírito Santo

As doutrinas de Deus, dos anjos, da humanidade e do pecado:
“Creio em Deus Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra”
(seção 2, capítulo 1, artigo 1)

Avaliação evangélica

A doutrina da Pessoa de Jesus Cristo: “... e em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor” (seção 2, capítulo 2, artigo 2)

Avaliação evangélica

A doutrina da encarnação e a doutrina da imaculada concepção:
“ele foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria” (seção 2, capítulo 2, artigo 3)

Avaliação evangélica

A doutrina da obra de Jesus Cristo: “Jesus Cristo padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado”
(seção 2, capítulo 2, artigo 4)

Avaliação evangélica

A doutrina da ressurreição: “desceu à mansão dos mortos, ressuscitou ao terceiro dia” (seção 2, capítulo 2, artigo 5)

Avaliação evangélica

A doutrina da ascensão: “subiu ao céu e está sentado à mão direita do Pai” (seção 2, capítulo 2, artigo 6)

Avaliação evangélica

A doutrina da segunda vinda e o juízo divino: “de onde virá a julgar os vivos e os mortos” (seção 2, capítulo 2, artigo 7)

Avaliação evangélica

A doutrina do Espírito Santo: “Creio no Espírito Santo” (seção 2, capítulo 3, artigo 8)

Avaliação evangélica

4 A profissão da fé (primeira parte, seção 2, capítulo 3, artigo 9)..... 160

A doutrina da igreja

A doutrina da igreja: “Creio na santa Igreja Católica”

(seção 2, capítulo 3, artigo 9; parágrafos 1-3)

Avaliação evangélica

Avaliação geral

Unicidade/unidade

Santidade

Catolicidade

Apostolicidade

A doutrina da igreja: “Creio na santa Igreja Católica” (seção 2, capítulo 3, artigo 9; parágrafos 4-6)

Avaliação evangélica

Clero e hierarquia católica

Leigos católicos

Religiosos católicos

A comunhão dos santos

Maria como mãe da igreja

5 A profissão da fé (primeira parte, seção 2, capítulo 3, artigos 10-12) 208

As doutrinas da salvação, da ressurreição futura e da vida eterna

A doutrina da salvação: “Creio no perdão dos pecados”

(seção 2, capítulo 3, artigo 10)

Avaliação evangélica

A doutrina da ressurreição futura: “Creio na ressurreição do corpo”

(seção 2, capítulo 3, artigo 11)

Avaliação evangélica

A doutrina da vida eterna: “Creio na vida eterna”

(seção 2, capítulo 3, artigo 12)

Avaliação evangélica

Conclusão

II

A teologia católica de acordo com o

Catecismo da Igreja Católica

SEGUNDA PARTE:

A CELEBRAÇÃO DO MISTÉRIO CRISTÃO

6 A celebração do mistério cristão (segunda parte, seção 1).....229

A liturgia e a economia sacramental

Introdução: Por que liturgia?

Avaliação evangélica

A economia sacramental (seção 1)

A liturgia — obra da Santíssima Trindade

(seção 1, capítulo 1, artigo 1)

Avaliação evangélica

O mistério pascal nos sacramentos da igreja

(seção 1, capítulo 1, artigo 2)

Avaliação evangélica

A celebração sacramental do mistério pascal (seção 1, capítulo 2)

Celebrando a liturgia da igreja (seção 1, capítulo 2, artigo 1)

e diversidade litúrgica e unidade do mistério

(seção 1, capítulo 2, artigo 2)

Avaliação evangélica

7 A celebração do mistério cristão (segunda parte, seção 2, capítulo 1, artigos 1-2)260

Os sete sacramentos; os sacramentos da iniciação cristã:

batismo e confirmação

Os sete sacramentos da igreja (seção 2)	
Os sacramentos da iniciação cristã (seção 2, capítulo 1)	
O sacramento do batismo (seção 2, capítulo 1, artigo 1)	
<i>Avaliação evangélica</i>	
<i>Questões preliminares</i>	
<i>Base bíblica</i>	
<i>Desenvolvimento histórico</i>	
<i>Fé e batismo</i>	
<i>Cenários extraordinários</i>	
O sacramento da confirmação (seção 2, capítulo 1, artigo 2)	
<i>Avaliação evangélica</i>	
8 A celebração do mistério cristão	
(segunda parte, seção 2, capítulo 1, artigo 3)	299
A eucaristia	
O sacramento da eucaristia (seção 2, capítulo 1, artigo 3)	
Excursão: a celebração contemporânea do sacramento da eucaristia	
<i>Avaliação evangélica</i>	
<i>Interpretação sacramental do discurso do “Pão da Vida”</i>	
<i>Prefigurações da eucaristia</i>	
<i>O dogma da transubstanciação</i>	
<i>Presentificação do sacrifício de Cristo</i>	
<i>A participação da igreja na oferta de Cristo</i>	
<i>Infusão da graça</i>	
<i>Adoração contínua a Cristo</i>	
<i>Relação entre eucaristia e penitência</i>	
9 A celebração do mistério cristão	
(segunda parte, seção 2, capítulo 2, artigos 4-5)	326
Os sacramentos de cura: penitência e reconciliação;	
unção dos enfermos	
Os sacramentos de cura (seção 2, capítulo 2)	
O sacramento da penitência e da reconciliação	
(seção 2, capítulo 2, artigo 4)	
<i>Avaliação evangélica</i>	

A penitência não é um sacramento
Pecados anteriores e posteriores ao batismo
Dois momentos da conversão
Atos de penitência
A dupla natureza do pecado
Pecados mortais e veniais
Ação humana e divina
O duplo efeito da penitência
Indulgências

O sacramento da unção dos enfermos (seção 2, capítulo 2, artigo 5)

Avaliação evangélica

A unção dos enfermos não é um sacramento

Outras discordâncias

10 A celebração do mistério cristão

(segunda parte, seção 2, capítulo 3, artigos 6-7)356

Os sacramentos ao serviço da comunhão: ordem; matrimônio

Os sacramentos ao serviço da comunhão (seção 2, capítulo 3)

O sacramento da ordem (seção 2, capítulo 3, artigo 6)

Avaliação evangélica

Governo/ofícios da igreja

Sacerdócio levítico da antiga aliança

Dois aspectos do sacerdócio

Eficácia ministerial

Celebração e recipientes do sacramento

O sacramento do matrimônio (seção 2, capítulo 3, artigo 7)

Avaliação evangélica

Conclusão

III

A teologia católica de acordo com o

Catecismo da Igreja Católica

TERCEIRA PARTE:

A VIDA EM CRISTO

11 A vida em Cristo (terceira parte, seção 1, capítulos 1—2).....389

A vocação humana: a vida no Espírito; a comunidade humana

A vocação humana: a vida no Espírito (seção 1)

A dignidade da pessoa humana (seção 1, capítulo 1)	
<i>O homem: a imagem de Deus (seção 1, capítulo 1, artigo 1)</i>	
<i>Nossa vocação à bem-aventurança (seção 1, capítulo 1, artigo 2)</i>	
<i>Liberdade humana (seção 1, capítulo 1, artigo 3)</i>	
<i>A moralidade dos atos humanos (seção 1, capítulo 1, artigo 4)</i>	
<i>A moralidade das paixões (seção 1, capítulo 1, artigo 5)</i>	
<i>A consciência moral (seção 1, capítulo 1, artigo 6)</i>	
<i>As virtudes (seção 1, capítulo 1, artigo 7)</i>	
<i>O pecado (seção 1, capítulo 1, artigo 8)</i>	
<i>Avaliação evangélica</i>	
A comunidade humana (seção 1, capítulo 2)	
<i>A pessoa e a sociedade (seção 1, capítulo 2, artigo 1)</i>	
<i>Participação na vida social (seção 1, capítulo 2, artigo 2)</i>	
<i>Justiça social (seção 1, capítulo 2, artigo 3)</i>	
<i>Avaliação evangélica</i>	
12 A vida em Cristo (terceira parte, seção 1, capítulo 3)	412
Salvação; lei; graça e justificação; mérito; a igreja, mãe e educadora	
A salvação de Deus: lei e graça (seção 1, capítulo 3)	
<i>A lei moral (seção 1, capítulo 3, artigo 1)</i>	
<i>Graça e justificação; mérito (seção 1, capítulo 3, artigo 2)</i>	
<i>A igreja, mãe e educadora (seção 1, capítulo 3, artigo 3)</i>	
<i>Avaliação evangélica</i>	
<i>Lei</i>	
<i>Graça e justificação</i>	
<i>Mérito</i>	
<i>A igreja, mãe e educadora</i>	
Conclusão	
CONCLUSÃO	
Ministério evangélico com católicos	453
Índice remissivo	459
Índice de passagens bíblicas	483

Prefácio

INTERSECÇÃO E CRÍTICA

A Igreja Católica está por toda parte. Basta ver seu tamanho: ela diz ter mais de um bilhão de adeptos; os fiéis católicos estão, portanto, presentes na maior parte do mundo. Onde quer que sejam encontrados, haverá os que ocupam postos de liderança no governo, em instituições de ensino, na área da saúde, em programas sociais, no direito, nos empreendimentos empresariais, nas artes e muito mais. O líder da igreja, o papa, tem enorme influência no cenário internacional não apenas em questões espirituais, mas também nas esferas da política, da ética, da educação, da formação cultural etc. Escândalos recentes — abuso de crianças por padres, o fiasco do Vaticano no setor bancário — puseram a igreja sob holofotes, dando-lhe vasta notoriedade. Para o bem ou para o mal, a Igreja Católica está no centro da atenção pública.

Essa igreja celebrou, pouco tempo atrás, os aniversários de dois eventos de monumental importância de seu passado recente: o primeiro deles foi o Concílio Vaticano II, o 21.º concílio geral da igreja, realizado entre 1962 e 1965. Esse *aggiornamento*, ou atualização, lançou a Igreja Católica no caminho da modernização, cujo processo continua mesmo após as comemorações do 50.º aniversário do Vaticano II. Um dos resultados mais importantes dessa jornada, até o momento, foi a publicação, em 1994, da edição do *Catechism of the Catholic Church*,¹ uma apresentação fiel e sistemática da teologia, liturgia e prática da igreja. (Para os católicos americanos, essa edição atualizada do catecismo substituiu o Catecismo de Baltimore, de 1885.) Em 2014, a igreja destacou e celebrou um segundo aniversário: os vinte anos do lançamento do catecismo.

Em vista da enorme visibilidade da Igreja Católica e da conjunção desses dois aniversários, juntamente com minha longa familiaridade com essa igreja, é que apresento este livro. *Teologia e prática da Igreja Católica Romana: uma*

¹Edição em português: *Catecismo da Igreja Católica* (São Paulo: Loyola, 1999).

avaliação evangélica visa a cumprir dois objetivos: em primeiro lugar, chamar com fascínio e apreço a atenção para aquilo que há de comum entre a teologia católica e a evangélica, relação que chamarei de *intersecção* (ou “pontos em comum”, “pontos de acordo”, “concordâncias teológicas”; expressões também utilizadas ao longo do livro para expressar essas similaridades); e, em segundo lugar, examinar as diferenças entre as duas, demonstrando como a teologia e a prática católicas desses pontos de divergência não se conformam como deveriam com a Escritura — o que chamarei de componente *crítico*. Embora eu ofereça este livro primordialmente ao público evangélico que queira se familiarizar com a teologia e prática católicas e avaliá-las, tenho a esperança de que alguns católicos também o leiam a fim de entender o que os evangélicos pensam da teologia católica e como a avaliam. Não pretendo aqui me enveredar por uma diatribe anticatólica, embora a crítica aqui apresentada seja justificável e contundente. Não há a pretensão de avaliar tudo o que diz respeito ao catolicismo; na verdade, o alcance da obra é bastante circunscrito, detendo-se na doutrina e prática católicas conforme expostas no *Catechism of the Catholic Church*. Portanto, este livro não procura saber de que modo a fé católica é vivenciada de fato pelos fiéis, tampouco se envolve com as diversas faces da Igreja Católica no que diz respeito às suas variações nacionais, étnicas, teológicas e litúrgicas. Além disso, não presumo falar em nome de todos os evangélicos e também não represento as muitas versões da teologia evangélica. Dada a extensa natureza do evangelicalismo, ninguém, e nenhuma esfera teológica específica, pode se incumbir dessa tarefa.

No que diz respeito às reações dos evangélicos a este livro, adianto que alguns deverão concordar totalmente com minha avaliação; outros se queixarão de que o livro se mostra conivente demais e muito compreensivo com a teologia católica; outros ainda dirão que a obra foi longe demais em sua crítica ao catolicismo. Seja como for, espero estimular a reflexão dos meus leitores, bem como sua análise da teologia e prática católicas ao comparar a fé católica com a Escritura e com a teologia evangélica.

Todo autor tem uma dívida de gratidão com inúmeras pessoas pelos conselhos pessoais recebidos, pela direção, inspiração, pelas sugestões, pela ajuda editorial, pelas correções etc; eu não sou exceção.

Contei com a colaboração de católicos, principalmente do padre James Keleher, meu professor no curso de “Documentos do Vaticano II” no Seminário St. Mary of the Lake; dom Pio Iorg, com quem trabalhei em Lugano, na Suíça;

REDUÇÕES GRÁFICAS

- Allison, *HT* Gregg R. Allison, *Historical theology: an introduction to Christian doctrine* (Grand Rapids: Zondervan, 2011).
- Allison, *SS* Gregg R. Allison, *Sojourners and strangers: the doctrine of the church* (Wheaton: Crossway, 2012).
- ANF* *Ante-Nicene Fathers*, organização de Alexander Roberts; James Donaldson; Philip Schaff; Henry Wace (Peabody: Hendrickson, 1994), 10 vols.
- Calvin, *Institutes* John Calvin [João Calvino], *Institutes of the Christian religion*, edição de John T. McNeill; tradução de Ford Lewis Battles (Philadelphia: Westminster, 1960) [edições em português: João Calvino, *As institutas*, tradução de Waldyr Carvalho Luz (São Paulo: Cultura Cristã, 2006), 4 vols.; e *A instituição da religião cristã*, tradução de Carlos Eduardo Oliveira; José Carlos Estêvão (São Paulo: Ed. Unesp, 2008)] (veja tb. as listas abaixo para *LCC 20* e *LCC 21*; a ref. para as *Institutas* aparecem também nessas fontes).
- CCC* *Catechism of the Catholic Church* (New York: Doubleday, 1995) [edição em português: *Catecismo da Igreja Católica* (São Paulo: Loyola, 1999)].
- De Chirico Leonardo De Chirico, *Evangelical theological perspectives on post-Vatican II roman Catholicism*. Religions and Discourse (Bern: Peter Lang, 2003), vol. 19.
- Grudem, *ST* Wayne Grudem, *Systematic theology: an introduction to biblical doctrine* (Grand Rapids: Zondervan, 1994, 2000) [edição em português: *Teologia sistemática* (São Paulo: Vida Nova, 2011)].
- Heppe Heinrich Hepppe, *Reformed dogmatics*, edição de Ernst Bizer; tradução de G. T. Thomson (London: Allen & Unwin, 1950).

- Kreeft Peter Kreeft, *Catholic Christianity* (San Francisco: Ignatius, 2001).
- LCC 20 John Calvin [João Calvino], *Institutes of the Christian religion*, edição de John T. McNeill; tradução de Ford Lewis Battles (Philadelphia: Westminster, 1960), in: John Baillie; John T. McNeill; Henry P. Van Dusen, orgs., *Library of Christian Classics* (Philadelphia: Westminster, 1960), vol. 20.
- LCC 21 John Calvin [João Calvino], *Institutes of the Christian religion*, edição de John T. McNeill; tradução de Ford Lewis Battles (Philadelphia: Westminster, 1960), in: John Baillie; John T. McNeill; Henry P. Van Dusen, orgs., *Library of Christian Classics* (Philadelphia: Westminster, 1960), vol. 21.
- LW Martin Luther [Martinho Lutero], *Luther's works*, organização de Jaroslav Pelikan; Hilton C. Oswald; Helmut T. Lehmann (St. Louis: Concordia, 1955-1986), 55 vols.
- NPNF¹ *Nicene and post-Nicene Fathers*, organização de Alexander Roberts, James Donaldson; Philip Schaff; Henry Wace, 1. ser. (Peabody: Hendrickson, 1994), 14 vols.
- NPNF² *Nicene and post-Nicene Fathers*, organização de Alexander Roberts; James Donaldson; Philip Schaff; Henry Wace, 2. ser. (Peabody: Hendrickson, 1994), 14 vols.
- Schaff Philip Schaff, *Creeds of Christendom* (New York: Harper, 1877-1905), 3 vols.
- Schmid Heinrich Schmid, *The doctrinal theology of the Evangelical Lutheran Church*, tradução de Charles A. Hay; Henry E. Jacobs (Minneapolis: Augsburg, 1899).
- VC II-1 Austin Flannery, org., *Vatican Council II: volume 1, the conciliar and post-conciliar documents*, nova ed. rev. (Northport: Costello; Dublin: Dominican, 1998).
- VC II-2 Austin Flannery, org., *Vatican Council II: volume 2, more post-conciliar documents*, nova ed. rev. (Northport: Costello; Dublin: Dominican, 1998).

INTRODUÇÃO

A gênese deste livro remonta aos meus cinco anos de idade. É uma história engraçada. Minha vizinha católica, tão jovem quanto eu (naqueles tempos pré-Vaticano II), disse-me que eu ia direto para o inferno porque não era católico. Muito perturbado, e receoso do meu destino eterno, perguntei aos meus pais se podíamos ir à igreja. Eles atenderam imediatamente ao meu pedido e me levaram à Igreja Metodista Unida local. Embora a escolha feita não contribuisse em nada para mudar a avaliação da minha vizinha sobre minha condenação futura, aquilo pelo menos me iniciou no caminho do protestantismo. Depois de me instruir nas obras de Martinho Lutero, Ulrico Zuínglio, João Calvino, John Wesley e muitos outros, esse caminho me levou ao lugar onde hoje estou: um teólogo evangélico especializado em teologia sistemática do tipo batista reformado.

Falando sério agora, a história da origem deste livro começou em maio de 1976, quando minha noiva (hoje esposa, Nora) e eu estávamos visitando um empresário em Chesterton, Indiana, próximo de South Bend. Tínhamos recebido permissão da Campus Crusade for Christ (atual Cru) para levantar recursos para nosso futuro ministério no campus com aquela organização pareclesiástica. Durante nossa conversa, em que Nora e eu apresentamos nosso futuro trabalho, o empresário exclamou em tom de brincadeira: “Não seria interessante se vocês dois fossem designados para fazer parte da equipe da Cru na Universidade de Notre Dame?”. Depois de uma risada gostosa, disse: “Já pensou, um movimento missionário protestante no campus da universidade católica mais importante dos Estados Unidos!”. Concluímos então nossa apresentação, agradecemos e nos despedimos. Ao entrar no carro para voltar a casa, Nora (sentada no banco do carona) e eu (ao volante), olhamos um para o outro e, juntos, com uma forte convicção impelida por Deus, dissemos: “Deus está nos chamando para a Universidade de Notre Dame”.

Depois do nosso casamento, da lua de mel e do início da nossa preparação de membros da Cru, recebemos o formulário de pedido de colocação como parte do nosso treinamento. Imediatamente registramos para onde gostaríamos de ser enviados: Universidade de Notre Dame. Pouco depois de receberem nossa resposta, os líderes da Cru responsáveis pela colocação do seu pessoal nos chamaram para uma pequena conversa. Eles ficaram intrigados com nossa preferência pela Notre Dame (ND), uma vez que o ministério da Cru tinha começado há pouco suas atividades naquele campus e a ideia era conseguir mais gente para se juntar à pequena equipe iniciante. Nora e eu, porém, não atendíamos às três qualificações exigidas por eles: não tínhamos um passado católico, não éramos veteranos na Cru (geralmente os veteranos são responsáveis pela abertura de novos ministérios nos *campi*) e não tínhamos filhos (de modo que estivéssemos num mesmo momento da vida que estava a equipe da Cru que já trabalhava na ND). Uma desvantagem, duas desvantagens, três desvantagens. Os Allisons não fariam parte da equipe da Cru da Notre Dame.

Pouco tempo depois, em resposta à mesma pergunta do segundo formulário de pedido de colocação, escrevemos: Universidade de Notre Dame. Um tanto perplexos, os líderes do setor de colocação nos chamaram para uma nova conversa indagando o que não havíamos entendido naquela primeira resposta — “Não, vocês não irão para Notre Dame”. Eles tentaram nos consolar com a possibilidade de que iríamos um dia para Notre Dame depois de ter passado alguns anos na equipe da Cru, mas garantiram que a ND não estava em nosso futuro imediato. É claro que dissemos a eles que estávamos dispostos a ir para qualquer lugar que nos designassem. No entanto, bem lá no fundo, persistia a firme convicção de que Deus estava nos chamando para a Universidade de Notre Dame.

Por isso mesmo, quando o terceiro formulário de pedido de colocação foi distribuído cerca de uma semana depois, nossa resposta àquela famigerada pergunta foi “Universidade de Notre Dame”. A resposta atônita e categórica da liderança do setor de colocação ao que parecia uma posição obstinada da nossa parte foi: “Talvez Deus esteja chamando vocês para Villanova ou alguma outra universidade católica, mas vocês não vão para a Universidade de Notre Dame!”.

Terceira derrota.

Pouco depois, Nora e eu, assim como os demais membros novos da Cru, recebemos nosso envelope de colocação. Dentro dele havia um formulário que decidiria para onde seríamos enviados. Presos à promessa de que guardaríamos

ESCRITURA, TEOLOGIA EVANGÉLICA E TEOLOGIA CATÓLICA

Minha avaliação da teologia e prática católicas romanas terá como base a Escritura e a teologia evangélica; assim, este capítulo começará com uma breve explicação da Escritura e de sua interpretação e, em seguida, se concentrará na apresentação da doutrina evangélica. Além disso, proporemos aqui, para compreensão e avaliação do tema em questão, uma estratégia que vê a teologia católica romana como um sistema coerente e abrangente dotado de duas características principais: a interdependência natureza-graça, isto é, uma forte continuidade entre natureza e graça; e a interconexão Cristo-Igreja, isto é, uma eclesiologia (uma doutrina da igreja) que vê a Igreja Católica como a encarnação permanente de Jesus Cristo. Esses axiomas serão também submetidos à avaliação.

A Escritura e sua interpretação

De acordo com a teologia evangélica, a Escritura tem 66 livros — 39 no Antigo Testamento e 27 no Novo Testamento — e é interpretada em conformidade com um *método gramático-(salvífico)/histórico-tipológico*.¹ Essa hermenêutica, ou estratégia interpretativa, se debruça sobre a *gramática* das passagens bíblicas

¹A Bíblia da Igreja Católica Romana contém mais livros do que a Bíblia dos protestantes/evangélicos. Para uma discussão mais ampla da hermenêutica evangélica, veja Grant R. Osborne, *The hermeneutical spiral: a comprehensive introduction to biblical interpretation*, ed. rev. ampl. (Downers Grove: IVP Academic, 2006) [edição em português: *Espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica* (São Paulo: Vida Nova, 2009)]; William W. Klein; Craig L. Blomberg; Robert L. Hubbard, Jr., *Introduction to biblical interpretation* (Dallas: Word, 1993); Robert L. Plummer, *40 Questions about interpreting the Bible* (Grand Rapids: Kregel Academic & Professional, 2010) [edição em português: *40 questões para se interpretar a Bíblia* (São José dos Campos: Fiel, 2017)].

chamando a atenção para o significado e a função das palavras, para a relação das palavras e frases nas sentenças, o gênero em que o texto foi escrito, o desenvolvimento dos argumentos, o fluxo das narrativas, as imagens dos poemas e das expressões figurativas, as alusões a passagens anteriores etc.² Essa hermenêutica se preocupa também com o contexto *histórico* no qual as passagens foram escritas, procurando compreender os antecedentes sociopolíticos, econômicos e culturais dos textos, seus autores e público, bem como os propósitos para os quais foram escritos, tudo isso com o objetivo de interpretá-los nesse contexto e com os propósitos especificados.³ Foi dada atenção específica ao contexto *histórico-salvífico* das passagens bíblicas em virtude da importância que têm para a compreensão do lugar que ocupam na revelação progressiva de Deus, para a conexão que estabelecem com passagens anteriores, com as passagens posteriores que antecipam, além de sua conexão com as alianças bíblicas e aquilo que desejam enfatizar acerca de Jesus Cristo.⁴ Essa estratégia de interpretação se ocupa também da *tipologia*, ou das relações intencionais entre uma pessoa/lugar/instituição/coisa (o tipo) e uma pessoa/lugar/instituição/coisa posterior (o antítipo), uma estrutura que enfatiza a unidade da Escritura e seu tema de promessa-realização ou antecipação-consumação.⁵ A interpretação evangélica não segue a estrutura católica romana dos “quatro sentidos” para a compreensão da Escritura, segundo a qual há quatro significados a discernir na Escritura — literal, alegórico, moral

²Por exemplo, na história da conversão do eunuco etíope (At 8.26-40), temos a *apresentação dos personagens* (v. 26-28) ou a exposição dos personagens principais (o eunuco, Filipe, um anjo do Senhor/o Espírito Santo) e o cenário da narrativa (na estrada a caminho de Gaza, um local deserto); a *ação crescente* (v. 29-33), incluindo-se aí a direção do Espírito dada a Filipe, a leitura de Isaías pelo eunuco, perguntas sobre entendimento e interpretação e uma citação da Escritura; o *clímax* (v. 34,35), um crescendo dramático que culmina com a comunicação do evangelho por Filipe; o *decréscimo da ação* (v. 36,38) centrada na legitimidade do batismo seguido pelo batismo de fato do eunuco (o v. 37 é uma adição posterior e desnecessária para efeito de esclarecimento); e a *resolução* (v. 39,40), ou a amarração dos vários fios (o eunuco, Filipe e o Espírito Santo) para dar uma conclusão à história. Seguir o fluxo dessa narrativa é crucial para o entendimento correto dessa passagem.

³Por exemplo, compreender a história das religiões de mistério em Colossos é importante para interpretar as advertências de Paulo sobre “os espíritos elementares do mundo” em sua carta aos colossenses (Cl 2.8,20).

⁴Por exemplo, os textos bíblicos sobre a construção do Templo de Salomão e a adoração no local devem ser interpretados à luz de passagens anteriores (revelação antecedente) sobre a construção de altares e a adoração feita neles pelos patriarcas e a construção e adoração no Tabernáculo pelo povo nômade de Israel. Também devem ser entendidos como antecipação de passagens posteriores (revelação subsequente) sobre a destruição do Templo, sua reconstrução depois do exílio, a insistência de Jesus de que se deve adorar em espírito e em verdade (Jo 4.24), a igreja como templo do Espírito Santo (1Co 3.10-17) e Deus como templo no novo céu e na nova terra (Ap 21.22).

⁵Por exemplo, a ação de Moisés levantando a serpente no deserto é o tipo (Nm 21.9), e Jesus sendo levantado na cruz é o antítipo (Jo 3.14,15).

Nesta obra equilibrada, Allison ajuda o leitor a compreender as sutilezas do ensino católico romano e, ao examinar, seção por seção, o Catecismo da Igreja Católica, avalia a doutrina católica da perspectiva da Escritura e da teologia evangélica.

Ao tratar das semelhanças significativas sem deixar de analisar as diferenças importantes que dividem os dois sistemas, *Teologia e prática da Igreja Católica Romana* prepara os cristãos evangélicos e católicos para se engajarem em um diálogo honesto e produtivo.

Se você estiver em busca de uma lista de elementos e de observações caricaturais, esse livro vai decepcioná-lo. No entanto, se estiver interessado em uma pesquisa séria com base no *Catecismo católico* e em outras fontes primárias, acompanhada ainda da avaliação evangélica de cada ponto, os esforços do professor Allison renderão ricos dividendos.

Michael Horton, autor de *Católicos, evangélicos e os obstáculos à unidade e Redescobrimo o Espírito Santo*, publicados por Vida Nova

Esse livro é uma boa notícia para os que há tempos desejavam um guia teológico confiável acerca do catolicismo romano. Com base em uma análise meticulosa do *Catecismo da Igreja Católica* de 1992, a obra se debruça sobre a ampla trajetória da teologia e da prática católica romana. Em vez de justapor impressões efêmeras e dados desconexos, Allison apresenta uma estrutura teológica que esclarece a complexidade do sistema católico romano e de sua unidade dinâmica. Recomendo esse livro por sua profundidade bíblica, perspicácia teológica, atenção à história e consciência sistêmica. Minha esperança é que essa obra marcante dê nova orientação à teologia evangélica e atenuie sua atração por um ecumenismo superficial com Roma em direção a um diálogo sério baseado na Palavra de Deus.

Leonardo De Chirico, professor assistente de Teologia Histórica do Istituto di Formazione Evangelica e Documentazione, Pádua, Itália, pastor da igreja Breccia di Roma e autor de *Evangelical theological perspectives on post-Vatican II Roman* e *A Christian pocket guide to the papacy*

Esse livro não é nem frouxamente ecumênico, nem duramente polêmico, pois se ocupa das crenças de Roma de forma imparcial e pautada por princípios.

Carl R. Trueman, professor de História da Igreja do Westminster Theological Seminary e autor de *The credal imperative* e *Luther on the Christian life*